

A LUTA DA CAPOEIRA: REFLEXÕES ACERCA DA SUA ORIGEM

CAPOEIRA'S FIGHT: REFLECTIONS ON ITS ORIGIN

Paulo Coêlho de Araújo e Ana Rosa Fachardo Jaqueira

Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra

RESUMO

Depois de mais de 300 anos de existência da luta brasileira, não nos foi possível encontrar na literatura pertinente à esta temática, elementos que dêem sustentação acerca da origem da Capoeira, quer no nível das suas influências quer no nível do seu aparecimento em território nacional, ou mesmo da sua existência no continente africano. Assim entendendo, através de um levantamento da literatura que trata do assunto em pauta, buscamos com este trabalho, apresentar todas as posições correntes, as quais se apresentam distintas e diferentes entre si, quer quanto aos locais de aparecimento, quer quanto às suas influências dentro e fora do território nacional brasileiro, para deste modo, promover uma reflexão acerca das suas consistências, ou mesmo inconsistências, para assim, separar, ou mesmo aproximar, todos os elementos que lhes são comuns, dirimindo alguns mitos que se foram construindo ao longo de todos esses anos e que em nada contribuem para o esclarecimento da origem de uma expressão de grande significado sociocultural brasileiro.

Palavras-chave: capoeira, origem, luta.

ABSTRACT

After more than 300 years of this Brazilian fight existence, it was not possible to find out, on the appropriate literature, elements supporting Capoeira's origin, whether about its influences, its appearance on the country or its existence in the African continent. Thus, by a literature survey about this subject, we aimed at presenting all current positions, which are distinct and different from each other, not only on the places they appeared but also on their influences inside and outside the Brazilian territory, in a way we could propose a reflection about its consistence, or even inconsistency, to separate or even to approximate all common elements in a way it would reduce some myths created through all these years and which don't contribute to explain the origin of such Brazilian social and cultural expression.

Keywords: capoeira, origin, fight.

Introdução

Sendo a Capoeira uma das atividades culturais relevantes do contexto cultural brasileiro, e após quase quatro séculos de existência, constatamos que ela assume atualmente diversos contornos de expressividade que marcam fortemente os campos etnográficos, desportivos, educacionais e lúdicos da sociedade brasileira, sendo na atualidade, difundida e conhecida em muitos países, nos diversos continentes, essencialmente, como prática de defesa pessoal.

Entendo ser esta atividade uma expressão de aspectos plurais, não só evidenciadas através das emanações anteriormente referidas, mas também nas suas expressões como matéria de ensino, como atividade lúdica e, mais recentemente, como desporto, é a Capoeira um fenômeno sociocultural que, certamente, recupera o valor e a importância da comunidade negra transferida e escravizada no Brasil colonial e imperial e que, trazendo elementos da sua cultura, proporcionaram conjuntamente com outros elementos de cultura de outros povos, que para o nosso país acorreram por fatores diversos nos distintos períodos históricos brasileiros, a formação da bagagem cultural do povo brasileiro, onde esta arte apresenta um alto grau de representatividade.

Reconhecendo que aspectos de multiracialidade, de conjunturas econômicas, sociais e políticas, distintas nos diversos períodos históricos do Brasil, proporcionaram a criação desta arte, enquanto manifestação guerreira, bem como de igual modo contribuíram para a ocorrência de modificações estruturais que possibilitaram transformações na sua forma original, permitindo-lhe afirmar-se com uma gama multivariada de representações. Face a estas multivariadas representações é que, numa primeira impressão, pude constatar através de levantamentos bibliográficos, carências quanto a presença de trabalhos científicos nos campos onde a Capoeira encontra significado como objeto de estudo e já anteriormente referenciados, os quais, não possibilitam ainda a configuração de um perfil adequado desta arte, capaz de explicitar toda a sua dimensão sociocultural.

Hoje no Brasil, o número mais significativo de obras sobre a Capoeira concentra-se no campo da expressão agonística de defesa pessoal e desportiva, baseando-se fundamentalmente, na descrição do corpo de movimentos que esta encerra a partir dos

seus estilos, com a tentativa de fazê-la reconhecida no âmbito das expressões corporais de luta, através de elementos diversos, onde sobressaem os de caráter jurídicos e organizacionais, sem contudo deter-se em interpretações que a justifiquem histórico, social e antropológicamente em qualquer das suas emanações.

Nos campos histórico-social e antropológico, verificamos que o estudo mais referenciado sobre a Capoeira data de 1968, obra esta que serve como ponto de partida para estudos desta natureza, tendo sido por outro lado, pouco ou quase nenhuma até a década de 1990, novas interpretações desta atividade nos mais variados campos já aqui referenciados. Somente a partir da década referida, verificamos a produção de novos estudos de cariz histórico-sociológicos e antropológicos, elaborados no nível das formações pós-graduadas de mestrados e doutoramentos em várias áreas científicas, e com as mais distintas abordagens sobre a Capoeira, não se constatando no quadro dos interesses dos pesquisadores, estudos que aprofundassem o conhecimento sobre a origem da luta brasileira, quicá por entender já se ter esgotado as explicações nos trabalhos apresentados sobre esta temática.

Quanto à não abordagem sobre a temática da capoeira e em particular sobre a sua origem pelos estudiosos da área das ciências sociais e humanas, da Educação Física e Desportos e outras áreas afins, com o aprofundamento que se faz necessário, levantamos algumas considerações, quando constatamos da análise bibliográfica efetuada até ao momento, não terem sido ainda esgotadas todas as interpretações ou explicações que ajudem a clarificar a origem da luta brasileira, se considerarmos as mais recentes descobertas documentais, algumas posturas revisionistas de trabalhos anteriores e até mesmo alguns inovadores e, por conseguinte, o avolumar-se de novos estudos sobre a luta brasileira, os quais, por si só justificam a premência da adoção de novas abordagens quer numa perspectiva macro quer numa perspectiva micro.

Acreditamos que a falta de abordagens mais aprofundadas sobre o assunto referido no parágrafo anterior, decorre não somente da pouca reflexão dos estudiosos das áreas aludidas mas, fundamentalmente, condicionados pela aceitação incondicional das posições presentes na literatura específica, que tratou sobre esta matéria no contexto da luta brasileira, por serem os seus difusores grandes nomes da historiografia e etnografia brasileira, e por isso, enquadrados como

pertença das bibliografias básicas que deram e ainda dão suporte à grande maioria dos estudos realizados.

Mesmo reconhecendo a importância dos autores que primeiro retrataram a luta brasileira, facilmente constatamos serem em número insignificantes aqueles que se aventuraram na abordagem sobre a sua origem, evidenciando-se, tão somente, um claro posicionamento dicotômico dos mesmos sobre a possível origem da luta brasileira, sem quaisquer fundamentos que as sustentassem cientificamente, o que por si só, propiciariam dúvidas razoáveis e passíveis de maiores questionamentos e consequentes aprofundamentos sobre esta matéria. Este não foi o entendimento da maioria dos estudiosos da Capoeira nos seus mais variados campos científicos, que preferindo admitir um dos posicionamentos constantes na literatura, como indubitável verdade, fundamentalmente por serem proferidas por grandes ícones da historiografia brasileira, colocaram-se na cômoda posição da aceitação incondicional de uma das teorias, uma indígena outra africana, relegando-se para segundo plano, o aprofundamento de tais questões, se não relevantes para os seus estudos, relevantes seriam para o conhecimento desta expressão corporal essencialmente nacional.

A origem da capoeira: a perspectiva macro

No que refere-se ao estudo das primeiras influências e condições que contribuíram para o aparecimento da Capoeira no Brasil, inicialmente, enquanto arte guerreira, por certo, somente o período colonial contenha elementos que clarifiquem esta questão e, por conseguinte, a origem da Capoeira em território nacional. Indubitavelmente, é neste período histórico referido que ocorrem fatores determinantes para que se promovam interpretações sobre a origem da expressão foco deste estudo, visto ocorrer um significativo fluxo do tráfico negreiro das mais distintas regiões africanas, o registro da presença de outros contingentes populacionais europeus e não-europeus, e as primeiras evidências da presença da luta da Capoeira em várias cidades do Brasil colonial, e não exclusivamente nos estados da Bahia e Rio de Janeiro.

A partir de 1535, dá-se início o processo continuado do tráfico negreiro para o Brasil, que segundo Verger, dividir-se-ia em quatro ciclos bem distintos entre si, e deveras significativo quanto à distribuição geográfica dos conjuntos populacionais africanos traficados, permitindo-nos assim, a identificação das áreas

de tráfico e, conseqüentemente, dos possíveis grupos étnicos, independentemente do quantitativo dos *stocks* que formaram ao longo dos tempos a construção do Brasil, que com seus elementos de cultura, influenciaram significativamente as matrizes culturais deste país emergente, onde a Capoeira, inquestionavelmente, tem um lugar de destaque.

Quanto à influência africana na Capoeira, consideramo-la ponto assente, visto identificarmos na sua passada e atual forma de expressividade, elementos culturais africanos, que nem por isso, poderíamos considerá-los exclusivos para o contexto da luta brasileira, face à escassez de estudos que as confirmem absolutamente. Os estudos dos autores referidos, incluindo-se ainda o realizado por Nina Rodrigues, promovem a aproximação de uma delimitação geográfica, que não se podendo considerá-la como a mais rigorosa, poderíamos considerá-la como aquela possível, em face de circunstâncias diversas que concorreram para esta delimitação, e que no caso da luta brasileira, muito contribuiria para prossecução de novos estudos que concorressem para a identificação das matrizes étnicas africanas e respectivos elementos culturais africanos (música, dança, cânticos, jogos, lutas, instrumentos musicais e outras emanações), que permitiram a invenção da Capoeira no Brasil.

Ao analisar a bibliografia referente à luta brasileira produzida a partir da primeira metade do século XX, mais especificamente, no que diz respeito ao assunto foco deste ensaio, constatamos ser a referência de Manuel Querino, aquela que primeiro atribui ao grupamento oriundo de Angola, a matriz da Capoeira, quiçá influenciado pelas informações prestadas por Spix e Martius, que consideraram o exclusivismo banto na formação étnica brasileira, os quais influenciaram igualmente autores como Alceu Maynard, Edison Carneiro e Câmara Cascudo, que admitiram em seus trabalhos, ser esta prática oriunda do continente africano, mais especificamente de Angola e de forma categórica.

As posições apresentadas continuam a repetir-se em quase todos estudos sobre a Capoeira e sua origem, elaborados no contexto do século passado, onde deduzimos serem estas primeiras, simplistas e carentes de aprofundamentos, o que se compreende para aquele momento de cientificidade etnográfica/etnológica e pela escassez de elementos de natureza diversas, não se admitindo nos tempos que correm,

a inexistência de qualquer posição revisionista e de aprofundamentos sobre este assunto, que evidencie as matrizes influenciadoras para quaisquer dos elementos que no passado e na atualidade, concorreram para o seu aparecimento e posterior consolidação como expressão verdadeiramente nacional.

Além dos autores brasileiros que fizeram referência da origem banto para o contexto da Capoeira, encontro apenas um autor americano, que se estende para além da mera referência a este *stock* africano, para deduzir, igualmente, serem procedentes do Congo a maior parte dos movimentos da capoeira, enunciando um série destes como constitutivo de expressões corporais de matrizes diversas, buscando aproximá-los dos atuais movimentos da luta nacional, excluindo-se qualquer consideração às inúmeras expressões dos inúmeros grupos étnicos africanos traficados para o Brasil, e nunca estudados em pormenor, quer no Brasil, quer no Exterior, no que respeita às suas distintas expressões de cariz corporal, as quais, por certo, para alguns dos movimentos aludidos, se mostrariam semelhantes na forma e função, ou mesmo diferente desta última.

Nesta mesma linha de análise promovida pelo autor americano, poderíamos aludir à uma série de movimentos oriundos de expressões corporais de outras matrizes étnicas africanas e distintas das anteriormente referidas, e pesquisadas em arquivo histórico da cidade de Lisboa, bem como por referências constantes de literaturas sobre os povos africanos, produzidas por autores portugueses. Todavia, entendemos que uma mera citação de tais expressões/movimentos sem quaisquer aprofundamentos sobre as suas funções, origens, localização em território africano e brasileiro, contexto histórico, em nada acrescentaria aos estudos que buscam o aproximar das influências étnicas e correspondentes matrizes culturais de expressividade corporal, que concorram para elucidar de uma vez por todas as discussões em torno da origem da Capoeira, que ainda hoje pendem para o exclusivismo do grupamento banto.

Quer no Brasil, quer em outros países onde existiram o tráfico negreiro, não nos foi possível ainda detectar estudos consistentes sobre os jogos e entretens da totalidade dos grupos africanos traficados, inclusive do grupamento banto, que nos permitissem promover apreciações entre o original e o derivado de expressões diversas que concorressem para apro-

ximações das possíveis influências para a origem desta luta, bem como de outras expressões brasileiras, ainda carentes de uma melhor análise.

Ao rever todas as posições que defendem a origem negra da luta, seja ela como matriz genuína do continente africano ou como invenção dos africanos no Brasil, em detrimento das possíveis influências de outros grupos populacionais do continente europeu e asiático e dos ameríndios brasileiros presentes no período colonial, deduzimos serem ainda tais estudos, incipientes para se adotar qualquer das colocações aqui referidas como explicativa para o fato analisado. Entretanto, não podemos deixar de referenciar que durante todos estes anos, o discurso geral entre os que estudam a expressão brasileira, é o de que inexistente qualquer expressão semelhante à Capoeira no continente africano, levando-nos a concordar com a segunda posição apresentada nas linhas deste parágrafo, acrescentando-se ainda influências de outros contingentes também já referidos, destarte a ausência de dados que a confirme absolutamente.

Ainda nesta perspectiva da análise macro sobre a origem da luta brasileira, encontramos autores que defendem a posição de ser ela indígena, quer pela referência de uma dança/luta de guerra, quer pela denominação usada para identificar esta expressão. Sobre a primeira alusão, são poucos os textos que elaboram esta abordagem, encontrando apenas um autor que consubstancia a sua colocação com algumas indicações bibliográficas, apesar de não assumi-la como matriz principal da Capoeira, e a qual, do meu ponto de vista, carecem ainda de aprofundamentos que possam confirmá-la como mais uma das matrizes que influenciaram a invenção desta expressão de luta no Brasil.

No que respeita à vinculação de um vocábulo, como elemento indicativo de ser esta expressão de luta brasileira originária de uma matriz indígena, parece-me ainda incipiente para que se possa afirmar categoricamente qualquer relação que se lhe atribua vínculo de matriz primeira. Nas referências de Ayrosa, detectamos a alusão de vários significados do termo capoeira, dos quais depreendemos para o étimo Tupy, distintos sentidos, um deles imbuído de incorreção linguística, que não concorrem direta ou mesmo indiretamente para que se afirme a origem ou mesmo a influência indígena da luta.

Acerca da influência dos grupamentos oriundos dos continentes europeu e asiático no contexto da Capoeira, obviamente nada encontraremos na literatura sobre esta fato, todavia, não podemos esquecer que muitos foram os autores que retrataram a presença de cidadãos europeus e chineses no contexto das fazendas para em conjunto com os grupamentos africanos, realizarem as tarefas que lhes eram próprias. Quanto aos primeiros, podemos apenas referir a existência da Savate, em território francês, e o Box, em Inglaterra, e ao segundo, um leque significativo de expressões seculares de luta, que em algum momento da história da luta brasileira, poderia ter concorrido, senão para a sua origem, pelo menos para o seu dinamismo.

A guisa de conclusão deste bloco, temos a dizer sobre a origem macro da capoeira, é de que nada temos a dizer de concreto sobre as várias matrizes que influenciaram a invenção da Capoeira, entretanto, urge iniciarmos um estudo o mais abrangente possível das expressões corporais de todos os grupos étnicos africanos traficados para o Brasil e, igualmente, dos povos europeus e orientais naqueles momentos históricos, de forma a identificar todas as matrizes culturais que contribuíram para a invenção da Capoeira no Brasil e os seus conseqüentes dinamismos.

A origem da capoeira: a perspectiva micro

Partindo da premissa de que a Capoeira foi uma invenção das várias matrizes culturais presentes num momento histórico brasileiro, logo brasileira, e analisando alguns posicionamentos mais recentes, que contestam a primazia do estado da Bahia como espaço de eclosão desta expressão de luta, entendemos ser curial abordarmos o aparecimento desta manifestação no cenário nacional, de forma a esclarecer aspectos relevantes sobre a sua estruturação, e quiçá, possíveis influências formadoras, de modo a contrariar posições regionalistas, que mais confundem do que esclarecem, no que tange a alguns aspectos relevantes para o seu conhecimento. Quanto à delimitação geográfica no Brasil e considerando a perspectiva micro aludida, o trabalho centrar-se-á no levantamento das informações referentes à presença da Capoeira nos Estados da Bahia, Rio de Janeiro, Pernambuco, e São Paulo, por considerar historicamente, serem estes centros os mais importantes sob a ótica do aparecimento e desenvolvimento, da difusão e transformação desta arte guerreira em solo brasileiro.

A história conhecida da Capoeira ao longo dos

tempos, sempre referiu-se ao estado da Bahia e, mais especificamente à cidade de Salvador e o seu Recôncavo, como o berço e celeiro de praticantes da luta brasileira, quer através de inúmeras literaturas publicadas pelos folcloristas nacionais na primeira metade do século XX, quer pela tradição oral dos principais expoentes desta expressão corporal, que apesar da quase inexistência de dados, fundamentalmente escritos, que evidenciassem claramente a presença da Capoeira neste estado, nunca impossibilitaram que esta tradição oral perpassasse indelevelmente todo o século passado, apesar de constarmos na última década do século anteriormente referido, algumas posições que contestam tal título, em detrimento de um outro estado que, ao longo do século XIX, apresentou um leque bastante diversificado de elementos documentais.

Em contraposição à escassez documental no estado da Bahia que faça alusão à luta brasileira, encontramos para o estado do Rio de Janeiro, referências documentais de várias ordens que retratam efetivamente a presença da Capoeira nos períodos históricos brasileiros, encontrando no início do século XX quem a defendesse como sendo, expressão por excelência carioca, apesar de arguir a sua gênese em dois pontos diversos: ao norte de Pernambuco e ao sul, aqui no Rio. Na atualidade, encontramos alguns posicionamentos que buscam enquadrar as afirmações do autor das sentenças em destaque, associadas ao significativo acervo documental carioca, em contraposição à escassez documental baiana, e aos movimentos de pré-desportivização da luta brasileira, ocorridos concomitantemente nos estados anteriormente mencionados, como dados e fatos suficientes para que se possa deduzir a gênese desta luta para a cidade do Rio de Janeiro.

Ao defender a gênese da expressão corporal de luta brasileira para dois contextos espaciais distintos, por si só, já evidencia a falta de elementos consistentes do seu autor, para que se pudessem afirmá-la como carioca, assim como, todas as outras considerações que foram formuladas no decurso do século passado, em consonância com a afirmação proferida, visto serem todas estas imbuídas de um bairrismo, muitas vezes visceral, e, igualmente, desprovidas de aprofundamentos científicos que as confirmem categoricamente. Deste modo, cabe-me elaborar questões que poderiam concorrer para refletir das posições assumidas que são:

• Que local do norte de Pernambuco a que o autor se refere?

• Quais os dados e fatos que concorreram para o assumir da posição do autor em relação aos dois estados?

• Quais fontes foram usadas pelo autor, que concorreram para este posicionamento?

Por certo, muitas outras questões poderiam ser colocadas sobre que elementos permitem tais colocações, padecendo as afirmações proferidas, até ao momento, dos mesmo defeitos que decorrem das tradições orais que afirmaram sobre a gênese baiana da luta, ou seja, da falta do rigor científico que se exige nestes casos.

Fundado ainda na colocação de Lima Campos, de que no norte do estado de Pernambuco poderia ter ocorrido a gênese desta expressão, levou-nos a rever os principais autores que dedicaram seus estudos a retratar o cotidiano dos pernambucanos, nos seus mais diversos aspectos. Deste retrospecto, constatamos efetivamente, a presença da capoeira nos costumes pernambucanos, a partir da primeira metade do século XIX, quando associada ao entrudo, à proteção dos figurões daquela época, aos processos eleitorais ou no acompanhamento da guarda que leva música, formas de expressividades estas, muito semelhantes àquelas constatadas em outros estados brasileiros no espaço de tempo referido, todavia, não se constatando qualquer tipo de referência documental que aludisse à luta estudada, mas que inegavelmente, nos leva a concluir pela existência de uma forma de expressão com as características semelhantes àquelas constatadas em outros rincões nacionais do Brasil colonial.

O comportamento dos capoeiras pernambucanos quando acompanhavam os batalhões do Quarto e do Espanha, atingiu, ao longo dos tempos, proporções de que não há exemplo, levando com que o governo deste estado viesse a proibir o desfiles dos indivíduos aludidos à frente dos batalhões aquartelados no Recife, gerando no decurso deste século o desaparecimento gradual dos ditos indivíduos e, por conseqüência, o aparecimento dos denominados brabos, uma nova espécie de indivíduos capoeiras, e da expressão de igual denominação para identificar-se como sendo o passo. Mais uma vez, podemos concluir pela existência desta expressão de luta em mais um dos estados brasileiros, sem com que possamos estabelecer qualquer fundamento concreto sobre a gênese da Capoeira na sua perspectiva micro.

Durante muito tempo, somente aos estados ante-

riormente referidos se atribuíram a presença da Capoeira nos costumes dos indivíduos coloniais, tenham sido eles realizados por escravos, forros, libertos, negros, mestiços, brancos ou índios. Todavia, revendo as novas fontes documentais de arquivos nacionais sobre os costumes dos indivíduos nas metrópoles e nos diversos períodos históricos brasileiros, curiosamente, constatamos igualmente a presença desta luta nos costumes paulistanos, por todos os períodos referidos, concomitante às emanações da expressão em estudo, na Bahia, Rio de Janeiro e Recife, donde depreendemos não ter sido exclusivo de qualquer estado brasileiro esta forma de emanação corporal, e nem descortinamos os fatores concorrentes para o seu aparecimento e desenvolvimento nos aludidos locais, isto, em face da escassez de análises pormenorizadas para este fenômeno, a meu ver, decorrentes da aceitação incondicional das posições presentes nas bibliografia básicas deste assunto.

Apesar de não termos ainda evidências, como aquelas encontradas nos estados do Rio de Janeiro e Pernambuco, onde são retratados alguns episódios de concreta emanação da luta brasileira, visto muitos daqueles tratarem em genéricos de indivíduos capoeiras, logo efetivos marginais, certo é que, ao ser proibida a sua prática nas praças, ruas, casas públicas ou em qualquer outro lugar também público, praticar ou exercer o jogo denominado de capoeira ou qualquer outro gênero de luta, é incontestável ter existido nos períodos aludidos esta expressão, sem contudo deixarmos quaisquer indícios que a aproximasse ou mesmo a distanciasse das manifestações contextualizadas em inúmeros documentos históricos.

Vale ressaltar que, mesmo sendo pouco referido nas literaturas atinentes à Capoeira, e no que respeita à sua presença como elemento dos costumes nacionais de indivíduos de distintos estados brasileiros, encontramos ainda alusão à luta brasileira no longínquo Maranhão. Ao reconhecer a existência desta expressão de luta no período em foco e no estado mencionado, podemos deduzir do texto transcrito, que a mesma já se praticasse há algumas décadas passadas pelos grupamentos marginais da sociedade maranhense e igualmente reprimida pelas forças da lei e da ordem, como se faziam em outros estados brasileiros rotineiramente.

Teria sido esta forma de expressividade mais uma expressão subsidiária daquilo a que chamamos Capoeira

eira? Como teria chegado a tão longínqua paragem? Quais características demarcavam esta expressão? Quais os grupamentos humanos que estão na construção do Maranhão? São esta muitas das questões ainda por responder e que poderiam trazer luz às influências formadoras da nossa Capoeira nas perspectivas aqui analisadas.

Ainda no nordeste brasileiro podemos encontrar algumas outras expressões que nos permitiriam aproximarmo-nos das principais raízes influenciadoras da invenção da Capoeira no Brasil, e quiçá compreender os seus dinamismos e difusão por todo o território nacional, se considerarmos que tais expressões como o batuque, na Bahia e a dança do bate-coxa (semelhantes à pernada carioca) possam ter sido as formas primárias da manifestação que hoje identificamos como a prática de luta brasileira por excelência, sem desmerecer outras tantas práticas desenvolvidas ao longo dos períodos colonial, imperial e republicano e ainda pouco estudadas, onde citamos, a título de exemplo o maculelê, prática pírrica de negros, nos engenhos de açúcar da Bahia.

Como conclusão deste ensaio, e considerando as perspectivas aqui enquadradas sobre a gênese da Capoeira entendemos que:

Na perspectiva macro

a) São ainda insuficientes os estudos realizados sobre quaisquer dos grupamentos humanos que concorreram para a formação do Brasil, principalmente sobre os africanos e indígenas brasileiros, que nos permitam concluir sobre a gênese africana ou ameríndia;

b) São inexistentes estudos científicos que tivessem promovido análises das expressões corporais de cariz diversos dos grupamentos humanos pre-

sentes nos período históricos brasileiros, que nos permitissem promover aproximações com a luta brasileira;

c) Os estudos que aludiram a influência de uma matriz africana para a luta da Capoeira, apresentaram-se simplistas e desprovidos de quaisquer fundamentos científicos.

Na perspectiva micro

a) Os elementos factuais, documentais e orais sobre a gênese da Capoeira, para quaisquer dos estados brasileiros, não nos permitem ainda elaborar conclusões efectivas;

b) São superficiais e tendenciosos os estudos que buscam determinar a origem da capoeira, para quaisquer dos estados brasileiros;

c) A presença da Capoeira simultaneamente em muitos estados brasileiros, pode indiciar a prática de distintas formas ou de distintos estágios de desenvolvimento da luta brasileira, nos diversos períodos históricos brasileiros;

d) Foram pouco estudadas as distintas emanções de lutas registradas nas literaturas, ou mesmo de qualquer outro cariz, que concluísse pela superioridade de um grupamento humano, seja ele africano ou não.

Após tecer todas essas considerações acerca da gênese da Capoeira, e considerando a inexistência em África de expressão similar *in totum*, e acreditando que todos os grupamentos humanos presentes no Brasil dos tempos idos possam ter contribuído para a invenção da luta, estamos em crer, ser esta expressão corporal uma forma de manifestação genuinamente nacional, restando-nos tão somente, a identificação das matrizes e conseqüentemente dos grupos que, em maior ou menor grau, concorreram para a sua estruturação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Araújo, Alceu Maynard. Cultura popular brasileira. Cap. IV, p. 89/116. Edições Melhoramentos. Memória Brasileira, INL, 3 ed. São Paulo. 1977. 198p.

Araújo, Paulo Coêlho de. A falta de rigor científico nos estudos sobre capoeira. Publicação da Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física. "A Ciência do desporto a cultura e o homem." Porto, 1993. p. 215/226.

_____. Análise historiográfica da bibliografia básica utilizada nos estudos sobre a capoeira. Publicação da Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física. "A Ciência do desporto a cultura e o homem". Porto, 1993. p. 207/213.

Avé-Lallemant, Robert. Viagem pelo norte do Brasil no ano de 1859. 2 V. Coleção de Obras Raras, VII. Instituto Nacional do Livro. Rio de Janeiro, 1961, 284p.

Ayrosa, Plínio. Capoeira. Revista do Arquivo Municipal de São Paulo - 10/22. São Paulo, 1936. p. 335/347.

Barbosa, Alexandre. Guinéus - contos. Narrativas. Crônicas. Agência Geral do Ultramar. Lisboa. 1967. p.71/73.

Bruno, Ernani Silva. Histórias e Tradições da Cidade de São Paulo. V. II. 2 ed. Livraria José Olímpio Editora. Prefeitura do Município de São Paulo. São Paulo. 1954.

Carneiro, Edison. Capoeira. Cadernos de folclore, n. 1, 2 ed. MEC - Departamento de Assuntos Culturais - FUNARTE. Brasília. 1977. 23p.

_____. Negros bantus: notas de etnografia religiosa e de folclore. 2ª Parte, Capoeira de Angola. Biblioteca de Divulgação Científica. 14. Editora Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 1937. pp.147/165.

Carreira, António. Mandingas da Guiné Por-

tuguesa. Centro de Estudos da Guiné Portuguesa, n. 4. Caps I (p.3/163); VII (p.215/293). Publicação comemorativa do centenário da descoberta da Guiné. 1947.

_____. Mandingas. Cadernos Coloniais, n.13. Edit. Cosmos. Lisboa. s/d. p. 3/39.

Costa, F.A. Pereira da. Folclore Pernambucano. Subsídios para a história da poesia popular em Pernambuco. Arquivo Público Estadual. Recife, 1974.

Costa, Maria de Fátima G; Diener, Pablo; Strauss, Dieter. O Brasil de hoje no espelho do século XIX – artistas alemães e brasileiros refazem a expedição Langsdorff. 2 ed. Estação Liberdade/ Instituto Goethe. São Paulo, 1996. 143p.

Campos, Lima. Capoeira, esgrima de olhos. Ed. Kosmos. Rio de Janeiro. 1906. p. 191/194.

Cascudo, Luís da Camara. Folclore do Brasil. Pesquisas e notas. Editôra Fundo de Cultura. Portugal, 1967. Cap. 7 - Capoeira. p. 179/189.

Diêgues Júnior, Manuel. Etnias e culturas no Brasil. Círculo do Livro S.A., 5 ed. São Paulo, 1975, 213p.

Duarte, Ruy. História social do frevo. Editora Leitura S.A. Recife. s/d. 131p.

Edelweiss, Frederico. Apontamentos de folclore. Coleção Nordestina. EDUFBA. Salvador, 2001. 110p.

Freitas, Afonso A. de. Tradições e reminiscências paulistas. Coleção Reconquista do Brasil (Nova Série), V. 92. Editora Itatiaia. Ed. da Universidade de São Paulo. São Paulo. 1985. 226p.

Freyre, Gilberto. Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano. Coleção Livros do Brasil. Tomos I (59) e 2 (59-A). Lisboa, s/d. 729p.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Lacé Lopes, André Luiz. A capoeiragem no Rio de Janeiro, primeiro ensaio, Sinhozinho e Rudolfo Hermann. Editora Europa. Rio de Janeiro. 2002. 288p.

Martins, Dejjard. Esportes: um mergulho no tempo. São Luís. 1989.

Moraes Filho, Mello. Festas e tradições populares do Brasil. Tipos de rua. p. 257/263. 3 editora, Itatiaia, Belo Horizonte/Rio de Janeiro, 1999, 312p.

Moreira, José Mendes. Fulas do gabú. Centro de Estudos da Guiné Portuguesa, n. 6. Bissau. 1948. p. 217/229.

Oliveira, Valdemar de. Frevo, capoeira e “passo”. Recife, Cia. Ed. Pernambuco, 1927. 144p.

Postura aprovada pelo conselho geral em 1/2/1833. Publicada 14/3 do dito ano.

Posturas (Novas) municipais da cidade de Sorocaba, aprovadas provisoriamente pelo governo da província pelo exmo. governo da província de 7/10/1850, que se acham afecta a Assembléa Provincial. Título VIII - Sobre jogos, entrudos e marcos nas ruas de ouro e prata. Art. 51º.

Postura da Câmara Municipal da Vila de Cabreúva, de 14/9/1859. Art 39º.

Querino, Manuel. A Bahia de outrora. Vultos e fatos populares. Livraria Progresso Editora. Coleção de Estudos Brasileiros, Série Iª, V. 3. Salvador, 1946, 328p.

Quintino, Fernando R. Rogado. Lutas corpo-a-corpo e o jogo da “ Mantampa.” instituto de Alta Cultura. Junta de investigações científicas do

Ultramar. In Memoriam. António Jorge Dias. II. Lisboa, s/d. p. 375/380.

Revista do Arquivo Público Estadual do Recife. Um tempo do Recife. Secretaria da Justiça. Recife, 1978. pp.113/115.

Revista do Arquivo Municipal. O brinquedo da capoeira. Departamento de Cultura. Ano VII, V. LXXXIV, jul-ago. São Paulo 1942. pp.155/162.

Rocha, Luiz Carlos Krummenauer. Teses que comprovam a brasilidade da capoeira. Revista Praticando Capoeira, Ano II, n. 17, pp.10/13. Editora D + T. São Paulo.

Rodrigues, Nina. Os africanos no Brasil. C. Edit. Nacional. São Paulo, 1932. 409p.

Rugendas, João Maurício. Viagem pitoresca através do Brasil. Com todas as ilustrações originais da edição francesa. Apresentação e texto de Herculanos Gomes Mathias. Edições de Ouro. Rio de Janeiro. 78p.

Sette, Mário. Maxabombas e maracatus. 2. ed. Aumentada. Editores Rodolpho & Pereira. Recife. 1938. 306p.

Taunay, Affonso de E. História da cidade de São Paulo sob o Império. V. V (1831-1842). Coleção Departamento de Cultura. São Paulo, 1961. 435p.

Thompson, Robert Farris. Tough guys do dance. Rolling Stone, March 24 th, 1988. pp.135/140.

Verger, Pierre. Fluxo e Refluxo do tráfico de escravos entre o Golfo do Benin e Bahia de Todos os Santos: dos séculos XVII a XIX. Editora Corrupio. São Paulo, 1987. 720p.

Endereço do Responsável:

Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra – Estádio Universitário
CEP 3040-156 Coimbra – Portugal
E-mail: pcoelho@fcdef.uc.pt ou anarosajaqueira@fcdef.uc.pt